

## INFÂNCIA E LEITURA NO BRASIL (1880-1920)

Maria Angélica Alves  
UERJ

Os autores de literatura infantil brasileira, em fins do século XIX e início do século XX, ao retratarem a criança, em suas obras, referiam-se à existência de uma “alma infantil”, inocente e pura, diferenciando-a da “alma” dos adultos, afetada, sobretudo, pelos vícios. Dedicar-se à captura da essência dessa alma constituiu a meta daqueles que entendiam que escrever para crianças era tarefa nobre, louvável e difícil, pois exigia o conhecimento apurado da complexidade do universo habitado por esses leitores tão ignorados e desprestigiados durante séculos.

É comum encontrar, em muitas obras literárias do período, textos que tematizam a infância ou que, utilizando a criança ou a infância como referência, demonstrem o interesse em revelar as sutilezas do espírito infantil. O recurso de espelhar as idades da vida, estabelecendo um confronto entre a velhice e a juventude, também ocorre com frequência e determina o grau de idealização e os preconceitos culturais embutidos nos textos.

Nas conferências, nos artigos, nos prefácios ou mensagens aos leitores, os autores das obras literárias infantis explicitam a intenção de agradar a criança e o desejo de atingir realmente os seus verdadeiros anseios, descrevendo os artifícios de linguagem e estilo empregados, a fim de tornar a leitura acessível e útil à criança. Seus projetos de reestruturação dos padrões estabelecidos para os livros infantis contribuem para a afirmação do gênero no Brasil, mas, por força dos compromissos ideológicos assumidos, deixam transparecer as contradições entre o discurso teórico e as suas obras literárias.

### 1.1.1 *COMO O CRISTAL E A CERA*

Olavo Bilac, na conferência intitulada “Sobre as Crianças”, discorre sobre os preconceitos que giram em torno da compreensão da infância e das manifestações do espírito infantil, destacando a necessidade de se rever as constantes acusações dos adultos no que concerne à descrição dos defeitos infantis. Para Bilac, não se trata de ver na criança, como costuma acontecer, um ser egoísta ou mentiroso, mas, antes de tudo, um ser curioso, que se utiliza do recurso prodigioso da imaginação para mentir inocentemente, criando e recriando histórias. Mentirosos seriam, decerto, os adultos que se utilizam, permanentemente, de embustes e variados ardis, a fim de manterem suas relações sociais.

As crianças, essas mentem, porque o seu cérebro vive num perpétuo trabalho imaginativo. Um cérebro infantil é um palco, ou uma tela cinematográfica, ou um caleidoscópio milagroso, em que se representam truculentas tragédias, admiráveis dramas, hilariantes comédias, maravilhosas mágicas, onde nascem, passam, repassam, morrem, renascem continuamente universos de impressões em um só minuto. (BILAC, 1996: 1041)

Ao contrapor as atitudes dos adultos e das crianças, Bilac observa que os vícios a elas atribuídos são, em verdade, muitas vezes, ensinados pelos próprios adultos:

“Somos nós freqüentemente que lhes ensinamos as cousas menos louváveis e menos belas. Falando e conversando diante delas, dizemos sem reboço cousas que as depravam e as desmoralizam, porque acreditamos que elas não têm uma inteligência capaz de compreender o que dizemos. Que erro! Elas ouvem, compreendem e aprendem tudo... (BILAC, 1996: 1042)

Frágeis, inocentes, puras e despreparadas moralmente, todas as crianças, indistintamente, são dignas, portanto, de piedade, segundo o escritor e educador. “*Uma criança é como o cristal e a cera*”, afirma. A metáfora refere-se a sua fragilidade emocional - “*qualquer choque, por mais brando, a abala e comove e faz vibrar de molécula em molécula, de átomo em átomo.*” (BILAC, 1996: 1032) -, e à capacidade de se tornarem, constantemente, impressionáveis para o bem e para o mal, sem ao menos saberem explicar o que sentem ou sofrem: “*qualquer impressão, boa ou má, nela se grava de modo profundo e indelével.*” (BILAC, 1996: 1032).

Ao contestar as concepções errôneas praticadas pelos educadores infantis e reafirmar o valor da educação infantil bem orientada, fundada numa mentalidade livre de tiranias, com base na compreensão, na simpatia pelas crianças e no amor, Bilac descreve os princípios básicos que norteiam a sua concepção de educação moral. Define a criança como um ser incompleto e imperfeito que pode e deve ter seus instintos convertidos em virtudes. A educação bem orientada, segundo o poeta, deveria, portanto, levar em consideração que a criança é capaz de pensar, imaginar e agir com autonomia: “Não lhe sugerimos as idéias: nós lhas impomos. É este o mal.” (BILAC, 1996: 1037).

Em “Instrução e Patriotismo”, discurso proferido em 1909 aos bacharelados do Ginásio Granbery, em Juiz de Fora, Bilac reitera suas idéias a respeito da formação da infância, salientando a importância do investimento na formação do espírito da criança, no desenvolvimento, enfim, do seu caráter. Entretanto, destaca que essa orientação não deve pôr em risco o desenvolvimento de sua individualidade, conforme o modelo preconizado pela *educação antiga*:

Os educadores antigos esqueciam este princípio absoluto: “A criança já é um começo de homem”...queriam dar-lhe sensações, sentimentos, idéias, sem lhe explicar a natureza, a razão de ser, a nobreza, a vantagem do que lhe ensinavam; não lhe sugeriam, mas impunham-lhe opiniões; e desse modo matavam a sua personalidade nascente. (BILAC, 1996: 682)

Nos textos ficcionais, as metáforas utilizadas para designar as crianças sugerem uma tendência a associar a infância à pureza e à inocência. Júlia Lopes de Almeida e Adelina Lopes Vieira referem-se às crianças, na dedicatória de seus *Contos Infantis* como “anjos de paz, immaculados”; “flores bemditas”; “os pequenitos”. A idade dos brinquedos e da permanente alegria também se caracteriza pelo desconhecimento das verdades da vida. Viver sem saber o significado da mágoa, do sofrimento, da melancolia marca os limites entre a vida adulta e infantil e define a atitude de tutela assumida pelos escritores.

### 1.1.2 O USO ESCOLAR DO LIVRO INFANTIL

Zilberman e Lajolo argumentam que se, por um lado, a literatura infantil constituiu-se enquanto gênero a partir da dependência à instituição escolar que se fortalecia, numa época marcada pelo desejo da modernização do país, por outro, exatamente pelos mesmos fatores que configuraram a sua gênese, ficou marcada por “*um lastro ideologicamente conservador*” (ZILBERMAN E LAJOLO, 1993:21) ao servir de instrumento pedagógico.

Ao analisar a Educação Brasileira, em seu estudo elaborado em 1896, portanto, logo após a proclamação da República, José Veríssimo discute a desorganização da Instrução Pública no Brasil e destaca a indiferença dos poderes públicos com a Educação, assim como a indiferença da sociedade em relação às questões nacionais.

No elenco de problemas da Educação em geral, Veríssimo ressalta a ausência de uma literatura brasileira de qualidade e uma educação patriótica. Suas exigências de reforma na

instrução pública brasileira prevêem uma revisão dos critérios de seleção dos livros de leitura utilizados nas escolas, devendo os mesmos serem escritos por brasileiros e, principalmente, tratarem de assuntos brasileiros, garantindo desta forma a almejada integração do espírito nacional. Ao sugerir que se dê, definitivamente, uma ênfase ao ensino da história da pátria, nos cursos elementares e superiores das escolas brasileiras, o crítico traça um plano que compreende uma reforma total na elaboração dos livros de leitura escolares, constando dos mesmos “cantos e contos populares e pequenas histórias em que se reflitam a nossa vida e os nossos costumes” (Veríssimo, 1985, p.113). Ressalte-se que, na explicitação das estratégias de leitura desse material, o ensaísta manifesta, paralelamente à preocupação com o bom ensino da história da pátria, um desejo de que as lições poderiam ser “mais gostosamente aprendidas” (Veríssimo, 1985, p.115).

Exemplos extraídos da ficção infantil ilustram a realidade das práticas de leitura nas escolas. O escritor Tales de Andrade no capítulo “Livros” do romance infantil *Saudade* (1919) revela os procedimentos habituais de uma sala de aula. Ler, assim como escrever e calcular são descritos como *serviços* destinados às crianças, a fim de ocuparem-nas satisfatoriamente. Curiosamente, o narrador confessa gostar desse primeiro livro de leitura e de certas histórias em especial, lidas e relidas num exercício escolar voltado única e exclusivamente para aferição de um saber. À leitura de Köpke, seguem-se outros livros mais difíceis.

A mesma deu serviço para todos. Caligrafia para uns, problema para outros e livros para os que se achavam na minha fileira.

\_Mário, disse ela.

Levantei-me.

\_Vejamos o que você sabe. Página dez.

Eu não tive medo. A voz de Dona Alzira inspirava confiança. Abri o livro.

Era o primeiro livro de João Köpke, livro muito meu conhecido e do qual eu tanto gostava. Era nele que havia *A questão*, história da briga de João e Jorge, por causa de um coquinho achado no mato. Havia também a do *Janjão e o relógio*, a de *Noel, o malcriado*, a de *Ana e o gato...*

\_Pode ler, Mário...

Comecei: - “*O Periquito. Um homem tinha um periquito. Era um periquito muito bonito...*”

Fui lendo. Li até o fim.

-Está bem. Você precisa de um livro mais difícil. À tarde veremos isso.

(ANDRADE, 1958: 68)

Em *Contos Infantis*, o ato da leitura praticado fora dos limites da escola, no âmbito do espaço doméstico, é redimensionado, em “A Leitura”. Uma criança, Valentina, é afastada, temporariamente do colégio onde permanecia como pensionista, para ajudar a mãe, em casa, a cuidar do avô que ficara cego e estava muito triste, sem capacidade de reação. Apesar de dedicar-lhe carinhos desmesurados, só consegue ensinar e divertir o avô, ao recorrer à leitura de histórias de guerra e de batalhas. Através deste último e decisivo recurso consegue, enfim, provocar a reação do avô general e despertar o seu interesse para a vida.

Enquanto a leitora, representada por uma criança, descobre o valor da leitura, o avô redescobre o gozo em viver e o leitor dos Contos aprende, por meio de uma história exemplar, que a leitura é algo que pode salvar, curar, transformar, *prender a atenção, distrair* e proporcionar felicidade:

Desde esse dia reanimou-se o cego; passava horas felizes ouvindo a netinha ler.

É que então elle via clara, distinctamente, tudo o que o livro dizia; voltava ao passado, á juventude, sonhava; sahia do presente amargo e doloroso, e pela blandiciosa voz da neta ia a um tempo de alegria descuidada e de ardente enthusiasmo!

(ALMEIDA & VIEIRA, 1891:3-4)

Lições dadas ou tomadas pelos mestres, nas escolas brasileiras de ensino primário e secundário, o que restava a aprender com os livros de leitura? Tudo ou quase tudo, na visão do crítico José Veríssimo. As lições de leitura ainda se ressentiam dos ultrapassados métodos empregados na pedagogia jesuítica de perguntas e respostas, de repetições e memorizações exaustivas e destituídas de sentido e de interesse ao estudante. A iniciativa de se reformular esse estado de coisas gerou uma literatura preocupada em dirigir-se ao leitor de forma mais sincera e natural.

### 1.1.2.1 ESCREVER PARA CRIANÇAS: UMA TAREFA DIFÍCILIMA

Escrever para crianças figurava, para os autores da nascente literatura infantil brasileira, como uma tarefa bastante complexa, conforme se pode constatar em seus depoimentos, nos prefácios de suas obras literárias. Conscientes de seu compromisso ideológico, os escritores buscavam atender a dois princípios básicos: corresponder aos anseios dos leitores, proporcionando, através da leitura, a diversão e o prazer e educar os leitores, exercendo uma função pedagógica e contribuindo para a sua educação moral.

Figueiredo Pimentel, na Mensagem destinada ao leitor, em *Álbum das Crianças*, descreve os motivos que dificultam a tarefa do escritor de literatura infantil. Seu desejo de abandonar os moldes clássicos, sem desprestigiar as produções dos autores consagrados, confirma o interesse maior de agradar a infância. O organizador da obra quer evitar o enfado do leitor, provocado pelo “tom circunspecto” típico das antigas seletas que serviam de livros de leitura nas escolas e a sua dificuldade de compreensão de temas mais complexos, próprios para serem lidos por adultos:

Na presente obra enfeixamos poesias modernas de notáveis poetas, escolhendo aquelas que não só divertissem as crianças como também lhes incutissem bons e generosos sentimentos, fazendo vibrar nelas o amor dos pais, da família, do lar e da pátria; a simpatia pelos velhos; a compaixão pelos desgraçados; a piedade pelos animais – tôdas as virtudes de um coração bem formado. (PIMENTEL, 1958:5)

A tarefa de sedução do leitor esbarrava na crença de que as limitações dos cérebros infantis impediam a compreensão de certos textos de “*fundo alta e transcendentalmente filosófico*”. Uma estratégia de cunho ético e estético utilizada por Pimentel para atrair o leitor para a sua obra consistiu, portanto, na eliminação de “minúcias e descrições desnecessárias”.

Sempre manifestando uma preocupação com o respeito à autoria dos textos, o escritor revela que além dos procedimentos dos cortes e das adaptações feitas aos textos, recorreu a outros recursos, a fim de facilitar a compreensão dos poemas. Acreditando ser esta a forma mais racional de se escrever, substituiu as letras maiúsculas pelas minúsculas no princípio de cada verso.

Olavo Bilac também reconhece a dificuldade de se escrever para crianças, na Mensagem ao Leitor, em *Poesias Infantis*. Para atingir os leitores infantis, era preciso criar um novo estilo, abandonando os vícios de uma feição já adquirida, “suas complicadas construções de frase, e o seu arsenal de vocábulos peregrinos”. Enfim, ser simples parecia ao escritor bem mais complicado. Seu maior receio consistia em não encontrar a forma simples, porém inteligente, recaindo, desse modo, na banalidade.

Sua preocupação excessiva com a forma ou com o apuro do estilo, transparece na crítica que faz àqueles autores de livros de leitura escolares que não se importam com a necessidade de se “educar o ouvido da criança e dar-lhe o amor da harmonia e da cadência”, escrevendo versos errados, “que apenas são versos porque rimam, e rimam quase sempre erradamente” (BILAC, 1946:9).

Já no Prefácio da 1ª edição de *Poesias Infantis*, Bilac situa o livro como “uma contribuição para a educação moral das crianças do seu país” e justifica o seu trabalho, explicando as estratégias estéticas empregadas: “...quis dar às crianças alguns versos simples e naturais, sem dificuldades de linguagem e métrica, mas, ao mesmo tempo, sem a exagerada futilidade com que costumam ser feitos os livros do mesmo gênero” (BILAC, 1946: 10)

Para Bilac, banais e fúteis eram também os temas utilizados na literatura infantil. Para fugir ao artificialismo dos episódios centrados no maravilhoso, o autor faz questão de esclarecer o conteúdo dos seus textos, afirmando a sua crença na necessidade de se utilizar fatos da realidade experimentada pelo leitor:

...É um livro em que não há os animais que falam, nem as fadas que protegem ou perseguem crianças, nem as feiticeiras que entram pelos buracos das fechaduras; há aqui descrições da natureza, cenas de família, hinos ao trabalho, à fé, ao dever; alusões ligeiras à história da pátria, pequenos contos em que a bondade é louvada e premiada. (BILAC, 1946: 10)

No prólogo de *Contos Infantis em Verso e Prosa* (1891), Júlia Lopes de Almeida e Adelina Lopes Vieira, afirmam o desejo de evitar, tanto no plano da seleção e da narração dos episódios quanto no da estruturação da linguagem, os artificialismos próprios do gênero. Para elas, “quanto mais aproximado fôr da verdade o assumpto, mais interesse desperta em quem o lê.” Para imprimir maior naturalidade aos textos, recorrem a determinados recursos denominados de “tactica subtil”, com o intuito exclusivo de propiciar “maior apazimento” às crianças, despertando o seu gosto para a leitura. Sua preocupação com a autenticidade é tamanha que não se furtam a justificar-se quanto ao uso esporádico de episódios não naturais – animais e flores que pensam ou falam – com a finalidade de tornar estes seres “compreendidos e estimados pelas criancinhas”.

A mesma busca de naturalidade e de simplicidade transparece na intenção de “dar á forma e ao estylo simplicidade e correção, naturalidade e sentimento” (ALMEIDA & VIEIRA, 1891: VI). Para as autoras, falar às crianças não consiste numa tarefa fácil, pois exige que se saiba atingir, com sutileza, a sua imaginação e o seu coração. Consideram, portanto, necessário abordar, de forma singela, temas que “alimentam o espírito das crianças”, contribuindo, desta forma, para estimular o interesse do leitor.

As histórias dos Contos Infantis descrevem uma realidade singular. Neles são reproduzidos os valores morais de uma elite burguesa em ascensão que, por sua vez, constituía a minoria que freqüentava a escola e utilizava os livros de leitura. O lar figura como o espaço seguro da alegria e do conforto. A infelicidade, a injustiça e o sofrimento também são tematizados, porém como elementos exteriores aos limites desse lar harmônico e perfeito. Enfim, a imagem estereotipada de família que se constrói nos textos é a mesma que se deseja reforçar na sociedade brasileira do período em questão.

As situações exemplares, presentes em todos os textos do livro, confirmam o desejo das autoras de que o leitor saiba reproduzir os comportamentos e os valores ditados pelos protagonistas dos contos: “Que uma única das crianças, que nos lerem pratique, imitando um de nossos heróis, uma ação boa, e ficaremos bem pagas da canceira.”(ALMEIDA & VIEIRA, 1891: VII)

O desejo expresso no Prólogo, de inculcar verdades morais no “espírito móbil” das crianças reaparece em seguidos trechos em que as autoras declaram, com modéstia, que o seu livro se não for de todo útil, inútil não será. O livro, nesse momento, ainda é considerado um instrumento de ensinamento ou de moldagem das consciências infantis, sendo capaz de “impressionar e corrigir erros ou de “modificar ímpetos de gênio”. Segundo as autoras, a leitura é uma forma amena e agradável de se falar ao coração das crianças nutrindo seu espírito com a “seiva natural e vivificadora” do Bem presente nas histórias.

## 1.2 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Confrontados com as obras de ficção infantil, os prólogos dos textos anunciam uma liberdade que se concretiza apenas parcialmente. Devemos reconhecer que os primeiros livros infantis brasileiros instalam-se, na prática, num entre-lugar. Não rompem totalmente com os padrões formais, nem reproduzem os padrões lusitanos e europeus em geral, que os antecederam. Seu projeto de ruptura funda-se em contradições. Percebe-se o quanto a linguagem ainda resistia às concepções de estilo e rigor formal dos próprios autores e às imposições ideológicas dominantes. Afinal, os textos, encomendados para uso escolar, deviam obediência a um padrão ético e estético. Sua função pedagógica determinava que além de reforçar conteúdos curriculares, o livro de leitura deveria difundir modelos de língua nacional.

Nos autores de literatura infantil da época, constata-se, efetivamente, uma aspiração sincera de escrever histórias ajustadas aos temas e à língua nacional, com as quais as crianças se identificassem e se interessassem por ler. Evitando os artificialismos fúteis e sem fugir à correção da forma, experimentam, com sutileza e singeleza, “ensinar” às crianças os fatos da vida, através de suas histórias exemplares. Embora reconheçam a dificuldade de se atingir a imaginação e o coração de seus jovens leitores, afirmam disposição para a realização da tarefa, especialmente por constatarem a necessidade de se combater a mediocridade da produção literária existente.

Se, por um lado, os escritores, no Brasil, tentam libertar-se dos padrões dos livros clássicos europeus e dos portugueses, em particular, mantêm, entretanto, um caráter conservador, na forma e no conteúdo, na medida em que se submetem aos ditames políticos e ideológicos da instituição escolar. Subjaz à intenção autêntica e à proposta inovadora dos autores, um ideal de perspectiva moralizante, revelador sem dúvida, da imagem da infância construída em fins do século XIX e início do século XX.

## Referências Bibliográficas

Textos teórico-críticos

VERÍSSIMO, José. *A Educação Nacional*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

ZILBERMAN, Regina & MAGALHÃES, Lígia Cademartori. *Literatura Infantil: autoritarismo e emancipação*. São Paulo: Ática, 1996

\_\_\_\_\_ & LAJOLO, Marisa. *Um Brasil para Crianças. Para conhecer a literatura infantil brasileira: histórias, autores e textos*. São Paulo: Global, 1986

\_\_\_\_\_ & LAJOLO, Marisa. *A Formação da Leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1996.

#### Textos de ficção infantil

ANDRADE, Tales. Saudade. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1958

BILAC, Olavo. *Poesias Infantis*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1946, 16 ed

ALMEIDA, Júlia Lopes de & VIEIRA, Adelina A. Lopes. *Contos Infantis em Verso e Prosa*. Rio de Janeiro: Companhia Editora Fluminense, 1892

PIMENTEL, Figueiredo. *Álbum das Crianças*. Rio de Janeiro: Livraria Quaresma, 1958

#### Fontes documentais

BILAC, Olavo. “Sobre as crianças”. In: \_\_\_\_\_. *Obra reunida*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996, pp. 1030-1043

\_\_\_\_\_. “Instrução e Patriotismo”. In: \_\_\_\_\_. *Obra Reunida*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996, pp. 681-693

\_\_\_\_\_. “Ao Leitor”. In: \_\_\_\_\_. *Poesias Infantis*. 16.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1946,

ALMEIDA, Júlia Lopes de & VIEIRA, Adelina A. Lopes. Prólogo. In: \_\_\_\_\_. *Contos Infantis em Verso e Prosa*. Rio de Janeiro: Companhia Editora Fluminense, 1892

PIMENTEL, Figueiredo (org) “Ao Leitor”. In: \_\_\_\_\_. *Álbum das Crianças*. Rio de Janeiro: Livraria Quaresma, 1958

